

UMA OUTRA MODERNIDADE: MÉDICOS BRASILEIROS NA UNIÃO SOVIÉTICA

Claudio Bertolli Filho

A proposta de analisar a experiência de médicos brasileiros que visitaram a antiga União Soviética pode parecer, em um primeiro momento, uma proposta extemporânea. Afinal, é possível argumentar que a sociedade socialista engendrada sob a égide russa já esgotou seu tempo de vida e, bem mais do que isto, outras propostas revolucionárias seriam bem mais interessantes para exame, tais como a atuação dos “médicos de pés descalços” chineses ou a reconhecida eficiência da estrutura sanitária cubana.¹

Contra a corrente que nega avaliações sobre a experiência médica soviética, advoga-se que o modelo russo foi durante um longo tempo motivador das atenções e dos sonhos – por que não? – de uma significativa parcela dos profissionais de saúde brasileiros, que vislumbraram na pátria do socialismo uma alternativa possível para a América Latina. Alternativa que representava sobretudo uma nova modalidade de organização sanitária que reservava amplos direitos de assistência aos cidadãos, assim como vigorosa inserção dos médicos como agentes solucionadores da problemática nacional. Neste encaminhamento, a medicina soviética e seus desdobramentos despontavam como uma via de superação dos procedimentos organizacionais e funcionais preconizados desde o final da centúria passada pelo parisiense Instituto Pasteur e sobretudo um avanço, se comparado com a proposta instrumentalizada pela Johns Hopkins University, sob o patrocínio da Fundação Rockefeller desde a segunda década deste século.

Como reação aos preceitos ensinados pelos arranjos imperialistas, o padrão construído pela Rússia revolucionária ganhava a dimensão de um fato que precisava ser conhecido e examinado minuciosamente. O “Urso Adormecido” despertara em 1917, impondo a multiplicação de relatos que testemunhassem o que lá estava acontecendo. O próprio go-

Claudio Bertolli Filho é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e docente no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru.

verno soviético empenhou-se em explorar esta tendência, patrocinando, logo após o final da Guerra Civil, em 1922, uma intensa campanha que visava recrutar os interessados em visitar o “paraíso proletário”. Um dos produtos desse esforço foi a criação da *Intourist*, uma empresa estatal direcionada para atrair a nata da intelectualidade e das lideranças populares das nações capitalistas para conhecer a União Soviética. Esperava-se que, munidos de informações, os viajantes compusessem versões propagadoras do novo regime, publicando-as em seus países de origem. Na América do Sul, Moscou financiou a instalação da agência *Iuzhamtorg* que, com sede em Buenos Aires, enviava emissários aos países vizinhos, com a missão de “aliciar pessoas para visitarem a Rússia.”²

O TEMPO DAS VIAGENS

A União Soviética abria-se cautelosamente para acolher os simpatizantes da Revolução. Trabalhadores braçais e jornalistas, políticos e comerciantes, médicos e advogados, muitos foram os que se dirigiram ao “país dos soviets”, sendo critério exclusivo de seleção dos candidatos o fato de não estarem comprometidos com campanhas difamatórias ou guerras contra o governo revolucionário. O Partido Comunista Brasileiro, fundado em março de 1922, funcionou por algum tempo como elo de ligação entre os possíveis peregrinos nacionais e as autoridades russas. A condenação do PCB à ilegalidade, entretanto, impôs que os brasileiros buscassem em Paris ou em Viena o visto necessário para a entrada na “Grande Mãe Pátria”.

No contexto da bibliografia assinada por brasileiros que conheceram a União Soviética, encontram-se cinco médicos. Em conjunto, tais diários de viagem representam um número significativo de profissionais da mesma área que se dispuseram a percorrer milhares de quilômetros para registrar em livro a experiência de testemunhar o cotidiano, a cultura e as instituições elaboradas pela sociedade comunista.³

As datas das viagens empreendidas pelos “turistas” brasileiros indicam que houve dois momentos distintos nos quais representantes da comunidade médica nacional aventuraram-se em conhecer a União Soviética. O primeiro corresponde, no plano interno, ao acirramento das contradições da República Velha e o Golpe de 30, enquanto que, no contexto soviético, dava-se a efetivação do mando stalinista.⁴ Neste contexto, em 1928, coube a Maurício de Medeiros o pioneirismo, dentre os esculápios nacionais, em conhecer o “território vermelho”, lá apresentando-

se como jornalista, docente de patologia e psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e também como deputado federal participante da esquerda parlamentar.⁵ Tomando parte de um congresso de sua especialidade em Paris, o clínico confidenciou que somente na Europa surgiu a disposição de conhecer a nação revolucionária, o que conseguiu após demorada espera imposta pela embaixada soviética. No segundo semestre de 1931, foi a vez do psiquiatra e crítico de arte nordestino, radicado em São Paulo, Osório César rumar para a Rússia. Declarado simpatizante do comunismo, sem contudo manter vinculações formais com o PCB, parece que o doutor César pretendeu guardar sigilo de sua viagem, anunciando-a apenas como um passeio à Europa. Apesar disto, o segredo foi tornado público pela sua companheira, a pintora Tarsila do Amaral, que em entrevista à imprensa declarou que ambos encaminhavam-se para a “terra nevoenta de Lenin [...] para apreciar suas construções novas, os seus processos intelectuais e materiais completamente revolucionários”.⁶ Refazendo a trajetória de seu antecessor, o médico e a artista viajaram, instalando-se primeiramente em Paris, para lá obterem visto de entrada para a União Soviética.⁷

A violenta repressão governamental varguista aos comunistas e a eclosão da Segunda Guerra Mundial interromperam temporariamente o fluxo de brasileiros para a pátria socialista. Impedidos de conhecer *in loco* as novidades da sociedade e da medicina comunista, o público em geral e os médicos em particular tiveram que se contentar em receber informações da Rússia através de livros traduzidos, que foram publicados tanto antes da instauração do Estado Novo quanto após o Brasil ter declarado guerra ao Eixo. Ao tornar-se aliado de Stálin, parece que Getúlio Vargas mostrou-se menos renitente em permitir a publicação de obras de e sobre o que o próprio ditador denominou de “amigos de ocasião”. Com isto, entre as décadas de 30 e 40, novas informações sobre a União Soviética, e especialmente sobre a “medicina socialista”, deram-se através de relatórios assinados pelos médicos Pierre Dominique e Lelio Zeno, além de uma série de coletâneas, sendo a principal delas a que reunia textos do argentino Zeno, da russa Conus e do professor Sigerist, um franco-suíço radicado nos Estados Unidos e que ganhava projeção como historiador da medicina.⁸

O segundo momento da presença de médicos brasileiros na União Soviética deu-se em 1953, no contexto da Guerra Fria. No Brasil, os ventos da democracia, que seguiram ao fim do Estado Novo, combinaram-se com a morte de Stálin, fato este que levou Moscou a novamente abrir-se aos visitantes. Em maio daquele ano, um grupo de brasileiros encon-

trava-se em Viena, participando de um encontro que sintomaticamente discutia os trágicos efeitos do uso de artefatos nucleares e as condições de vida da população no pós-guerra.⁹ Finda a reunião, agentes da *Intourist* convidaram os membros das delegações brasileira e argentina a visitarem gratuitamente a União Soviética, sendo que a oferta foi aceita por treze clínicos nacionais. Da viagem à então batizada *Cortina de Ferro* frutificaram dois novos livros sobre os comunistas. O primeiro destes volumes é composto por dois textos independentes, um assinado pelo fisiologista carioca Milton Lobato e o outro pelo clínico paulista Reinaldo Machado.¹⁰ O também paulista Raul Ribeiro da Silva preferiu elaborar uma versão própria da mesma excursão, completando, assim, o conjunto de textos produzidos por médicos nacionais sobre o que todos convencionaram denominar de “realidade soviética”.¹¹

O CÓDIGO DAS VIAGENS

O conjunto de livros mencionados pode ser incluído no gênero denominado literatura de viagem. Fala-se, portanto, de uma modalidade de escrita regida por um código próprio, na qual autor e viajante confundem-se numa mesma pessoa, preparando textos e empenhando-se em publicá-los como prova de que, efetivamente, “esteve lá”, num território remoto e pouco conhecido pela maior parte de seus conterrâneos. Ao inventariar o que testemunhou, cada um dos médicos elaborou uma espécie de enciclopédia do viver sob o comunismo. Este intento determinou que o autor dedicasse substancial parcela do seu relato à descrição do ambiente revolucionário, aplicando-se em retratar avenidas, monumentos, prédios, instituições, serviços e pessoas. Nesta cirurgia, também cada um dos viajantes travestiu-se de improvisado etnógrafo, pois ao reportar as realizações soviéticas, tornou-se também imperante descrever o “novo homem” russo, seus valores, usos, costumes e pretensos sentimentos em relação à “realidade revolucionária”. O caráter minucioso do olhar viajante exprime-se em detalhes que chamam a atenção do leitor; dos modos à mesa ao comportamento dos soviéticos em cabarés, das palavras quase desprovidas de sentido de um bêbado ao olhar de uma jovem que, “de meias brancas e tamancos vermelhos”, varria a calçada numa fria madrugada moscovita, tudo foi notado pelos viajantes, compondo o enredo de uma etnografia surpreendente.

O elemento legitimador que permitiu aos médicos discorrerem sobre suas percepções acerca da União Soviética constituiu-se num declara-

do e unísono voto de fidelidade à verdade. Como compromisso dominante, na abertura de cada um dos relatos, os autores buscaram colocar-se acima das matizes e dos conflitos ideológicos. Aliás, sintomaticamente os termos ideologia e Estado foram praticamente eliminados das referências de viagem, sendo substituídos respectivamente por filosofia e sociedade.

A “verdade” ganhou um estatuto fundamental na articulação dos textos analisados. Todos os viajantes reiteraram por diversas vezes este princípio, declarando-se não filiados a qualquer agremiação favorável ou contrária a proposta marxista-leninista e que tudo foi possível ser visto e questionado durante a permanência na “sexta parte vermelha do mundo”. A pretensa neutralidade dos viajantes guardava um sentido manifesto: informar o leitor sobre o que *realmente* estava acontecendo na União Soviética. A insistência em apresentar-se como animado por um “juízo sempre desapassionado” fez com que Raul Ribeiro da Silva, no melhor estilo comtiano, para não deixar dúvidas sobre a objetividade de seu testemunho, alertasse o leitor de que seu texto fora elaborado exclusivamente a partir de suas impressões, não havendo ele buscado apoio em “enciclopédias e mais obras instrutivas”.¹² Claro está que esta declaração servia como estratégia reiteradora da validade do escrito de viagem, buscando distanciar-se das campanhas que, desde o estalo revolucionário, vinham insuflando imagens distorcidas dos princípios e dos resultados do movimento comunista.¹³

Diante desta questão, o doutor Medeiros firmou o pacto da verdade com o leitor, compromisso que surpreende por ser reprisado, quase com as mesmas palavras, pelos seus sucessores na rota que levava a Moscou:

Feito com as notas, que eu tomava na ocasião para reavivar a minha memória, elle [o relato] só contem o que vi e pude observar. Não ha fantasia, nem critica. Cada leitor julgue por si as cousas. Por isso mesmo, não procurei aqui fôrma literaria nem rebuscado de expressões. Si, por vezes, deixo liberdade a reflexões sentimentaes, é porque explodem de meu temperamento. Evito-as, entretanto, sempre que posso. [...] Tudo que nelle está é a expressão da verdade.¹⁴

Mais do que oferecer um testemunho fidedigno, o valor da viagem só ganhava sentido pleno se a aventura fosse compartilhada com outros médicos e com o público em geral. A edição dos relatórios de jornada constituiu-se apenas em uma das atividades de esclarecimento realizadas após o regresso dos peregrinos. Antes de os livros serem impressos,

seus autores já haviam participado de debates, concedido entrevistas, proferido palestras e redigido artigos sobre o que verificaram na Rússia, esclarecendo aos seus conterrâneos sobre a sociedade nutrida por concepções bem diferentes daquelas adotadas pelo capitalismo.

O silêncio sobre o que foi visto passou a ser entendido sobretudo como um ato de lesa-humanidade. “Um escriptor que vae á Russia e não transmite ao publico as suas observações, comette um verdadeiro crime!”, asseverou o doutor Medeiros.¹⁵ Um quarto de século depois, Milton Lobato complementou: “Em nossos dias uma viagem à União Soviética impõe a responsabilidade da divulgação do que se viu”.¹⁶

VIAGENS, VIAGEM

A partir deste ponto surge a questão: o que os médicos brasileiros viram e registraram na visita ao território comunista? Ou melhor, nos vinte e cinco anos que separam a primeira da última viagem, o que mudou na União Soviética e que impressionou os forasteiros? A partir desta interrogação desvela-se uma surpresa: apesar dos viajantes afirmarem em conjunto que foram eles próprios que escolheram o que queriam conhecer na URSS, em linhas gerais os cinco textos dissertaram sobre as mesmas coisas, já que, salvo poucas exceções, todos os brasileiros percorreram as mesmas cidades, hospedaram-se nos mesmos hotéis, conheceram os mesmos institutos de pesquisas, de ensino, de assistência médica, perambularam pelas mesmas ruas, museus e teatros. Até mesmo as descrições dos cenários de ruínas localizados nos centros urbanos e em suas periferias assemelham-se, por mais que as lentes dos doutores Medeiros e Cesar registrassem os escombros resultantes da revolução e da Guerra Civil iniciada em 1917, enquanto que os demais referiram-se às ruínas produzidas pela Segunda Guerra Mundial. Nesta trajetória, tem-se a sensação inicial de que, em conjunto, os relatórios anularam o tempo, aproximando-se nos cenários e fatos anotados, nos dispositivos lingüísticos empregados, no recurso aos dados estatísticos e sobretudo nos sentimentos declarados.¹⁷

Dado que perturba o historiador, sempre tão voltado em acentuar as diferenças constantes nas fontes comparadas, o reconhecimento da unidade, na qual se esperava diversidade, implica a reordenação das estratégias de entendimento da documentação textual. Nesta operação, a medicina soviética, como tema de estudo, insere-se como mais uma peça – privilegiada peça, sem dúvida – dos mecanismos de funcionamento das grandes estruturas da sociedade soviética. A partir disto, propõe uma vi-

agem averiguadora de cinco outras viagens, um inventário da coleção de inventários que, ao se comprometerem com a verdade, incorreram na confecção de uma questionável imagem da “realidade revolucionária”. Pródiga em aspectos abordados, a literatura de viagem analisada impõe um recorte temático, sendo que, neste artigo, optou-se pelo privilegiamento dos assuntos correlatos à medicina.

NAS TEIAS DO DESLUMBRAMENTO

O principal elemento incentivador para que os viajantes brasileiros empreendessem tão longa jornada em direção à “Pátria de todas as revoluções” constituiu-se na atração pelo novo. Abandonada a última estação ferroviária ou o derradeiro aeroporto do flanco capitalista, a apreensão apoderava-se dos peregrinos que deixavam-se tomar por um misto de entusiasmo e medo. Afinal, todos sentiam-se de alguma forma eleitos pelo privilégio de estarem prestes a conhecer os segredos daquilo que por eles próprios foi denominado “a mais revolucionária das experiências sociais”, realizada em um “imenso laboratório onde se fazem as mais curiosas experiências” e que, apesar disto, guardava sabedoria e humildade suficientes para que os agentes sociais envolvidos reconhecessem, sempre que necessário, seus próprios enganos e limites.¹⁸ Neste campo de estupefações, a Revolução Russa foi apresentada como desdobramento necessário e purificador dos princípios doutrinários de uma outra revolução, a Francesa, superando esta não só por ser genuína produção coletiva, como também por contar com recursos técnicos e filosóficos inimagináveis para os rebeldes de 1789.

Euforia e temor combinavam-se no momento da chegada dos brasileiros a Leningrado ou a Moscou, tornando experiência concreta aquilo que havia pouco tempo pertencia ao primado do *ex-ótico*. Euforia porque os viajantes sentiam-se prestes a descobrir o “Novo Mundo” do século 20. Temor porque pairava a incerteza sobre a falsidade da propaganda anticomunista. Em algumas passagens, os textos deixam a impressão de que os visitantes esperavam pelo pior: gente combalida, cidades feias e sujas, prédios deteriorados, liberdades declaradamente suspensas, insistente vigilância policial a cada passo que fosse dado. Os cenários e pessoas encontradas, no entanto, desdiziam radicalmente tudo que as informações veiculadas pelos grupos contra-revolucionários teimavam em disseminar sobre a “barbárie comunista”. O contraste entre o esperado/presenciado fez redobrar o recurso aos adjetivos enaltecendores, in-

seridos em frases quase sempre exclamativas: encantador, majestosos, esplêndido, magnífico, monumental, sensacional, limpo, lindo e até mesmo um nada acanhado “supimpa!” foram termos freqüentemente empregados pelos excursionistas.

O tom inebriado das palavras era reconhecido pelos próprios viajantes, não como expressão subjetiva, mas como forma de retratar objetivamente a “realidade”, isto é, o estado natural de tudo o que continha a marca soviética. A perfeição existia e sua pátria era a União Soviética. É certo que os viajantes registraram, mesmo que timidamente, situações muito parecidas com o que acontecia em outras partes do mundo, tais como o abandono de crianças, prostituição, alcoolismo e atropelamentos. Mas tudo isto foi avaliado como existindo em escala bem inferior ao que acontecia no Brasil e em qualquer outra nação capitalista, e também como herança indesejável do passado burguês, das guerras, do reacionarismo cultural de alguns poucos grupos que ainda não haviam incorporado os princípios revolucionários. A solução para este estado de coisas parecia simples na pena dos viajantes: todos os “desviantes” estavam prestes a desaparecer, como conseqüência da intervenção revolucionária no cotidiano, o próprio tempo foi apontado como recurso regenerador dos marginais que um dia certamente iriam entender e incorporar os lemas da “nova sociedade”.¹⁹

A vislumbrada perfectibilidade soviética, ou pelo menos as desculpas atenuantes dos disfuncionamentos sociais, fazia multiplicar as observações entusiasmadas dos visitantes. As declarações viageiras de estar emocionado, encantado e maravilhado articulam-se com a formulação de um mundo diferenciado que empolga e seduz. Um mundo novo, não só nas soluções dos problemas da vida coletiva, mas também novo em tempo de vida. Aproximados de uma versão mítica de mundo, pouco faltou para os peregrinos acreditarem na existência de uma “terra sem males”, mas que, diferentemente das formulações míticas, tinha uma data certa de origem: 1917, ano inaugural da “Grande Revolução”, tempo da redenção dos homens.²⁰

Define-se assim um “antes” e um “depois” tanto na história da URSS quanto na trajetória da humanidade, tendo como baliza o ano revolucionário. A certeza de uma sociedade bem melhor que a capitalista embala as pontificações de viagem, invertendo a equação mitológica, na qual predomina a idéia de decadência, de expulsão do paraíso, do encarceramento no tempo pretérito de uma “idade dourada”.

No reino da perfeição, também os cenários e os personagens tinham que ser inatacáveis. Todos os médicos-escritores chegaram à URSS acom-

panhados por contrterrâneos, mas praticamente não são mencionados nos escritos, sendo substituídos pela presença dos soviéticos. Nenhum dos relatores tinha conhecimento – mínimo que fosse – do idioma russo, condição que não os impediu de estabelecer uma relação silenciosa com o povo visitado.²¹ Apelando para uma intuição duvidosa, os brasileiros centraram esforços em interpretar os sentimentos populares através de suas fisionomias. O resultado desta operação foi único: os soviéticos mostravam-se perenemente alegres, saudáveis, amistosos, francos, vivazes, discretos, elegantes, entusiasmados, orgulhosos e confiantes no socialismo e ainda avessos às “futilidades burguesas”.²²

A paixão pelo saber, através do olhar decodificador, disseminava-se pelo cenário, conferindo coerência ímpar ao território soviético. Os edifícios urbanos – acanhados ou monumentais – ganharam valor de ícones confirmadores da modernidade perfeita e do amor ao trabalho nutrido pela população observada. O metrô moscovita foi descrito como maravilhoso, deslumbrante e perfeito, enquanto que os prédios da Universidade de Moscou, construídos após a Segunda Guerra Mundial, foram retratados como encantadores, grandiosos, colossais e (novamente) perfeitos. Os mesmos adjetivos foram invocados para descrever os cenários naturais, tais como as colinas de Mamaiev e a floresta que acompanha as margens do rio Volga.²³

O empenho dos “turistas” em descrever o que viam fez com que seus livros de viagem ganhassem o direcionamento da escrita pictórica. Apesar de todos os relatórios serem acompanhados de gráficos, fotos, mapas e caricaturas, a pena dos médicos serviu para reiterar informações e descrever em minúcias o material iconográfico anexado aos textos, condenando-os a uma certa monotonia no momento da leitura. Mais do que inabilidade em compor escritos distantes dos protocolos de suas especialidades, os médicos-escritores serviam-se da estratégia reiterativa para convencer sobre as qualidades do que foi visto. Um convencimento que provavelmente não só pretendia atingir os leitores, mas também – e sobretudo – eles próprios.

OS PARÂMETROS DA MODERNIDADE SOCIALISTA

A fascinação suscitada pela “realidade coletivista” definia-se sobretudo pelo caráter moderno da sociedade soviética. Uma modernidade bem diferente daquela engendrada pelo capitalismo que, ao produzir riquezas para alguns, multiplicava a miséria para muitos. A modernida-

de socialista entusiasmou os médicos brasileiros porque constituía-se em um fato abrangente que se impunha a todos, dos doutores aos analfabetos, grupo aliás que se dizia estar em extinção. A educação em massa, que atingia desde o infante até o ancião, segundo os viajantes, havia rapidamente depurado a mentalidade popular do “romantismo passado”, arquitetando o código do “Homem Novo”. Novo porque destituído dos preconceitos que a outra modernidade, a capitalista, não conseguira eliminar, apenas atualizando-os. Sintomaticamente, nossos viajantes buscaram exemplificar o novo tempo aberto pela revolução através da redefinição do papel social da mulher russa. Para os viajantes, o machismo havia sido eliminado da cultura soviética porque, após 1917, a mulher passou a desfrutar dos mesmos direitos que os homens, tais como requerer divórcio, trabalhar em qualquer atividade produtiva, atuar na prisão de delinqüentes e ainda decidir-se pelo aborto, mesmo contra a vontade do cônjuge. Igualada legalmente ao homem, a mulher comunista pôde assumir compromissos que em certos momentos pareciam constranger os peregrinos brasileiros, como casar-se sem a necessidade do consentimento paterno e, quando divorciada, pagar pensão ao marido caso ele caísse enfermo. Separados por um significativo intervalo de tempo, os doutores César e Ribeiro recorreram a um mesmo estratagema – ingênuo estratagema! – para avaliar a desenvoltura moral da “mulher revolucionária”: fitá-las insistentemente em lugares públicos, sendo que a resposta comum consistiu em um discreto sorriso de saudação, nada sendo notado de júbilo ou constrangimento por parte das moças que assim, na percepção dos clínicos, comprovaram a desenvoltura moral e social das filhas de Lenin²⁴.

A consistência da modernidade soviética desdobrava-se na funcionalidade de um sistema de ensino que havia dispensado o conhecimento improdutivo e tudo que não fosse voltado para o bem coletivo, compondo os programas curriculares apenas o que era útil, prático e eficiente, fazendo com que, segundo o doutor César, “somente com máquinas a mocidade russa se preocupasse”.²⁵ Fala-se, portanto, de um ensino considerado progressista e moderno porque voltado para o suprimento das necessidades sociais e para a produção acelerada. Para comprovar a efetiva validade desta proposta, todos os viajantes detiveram-se em oferecer informações estatísticas sobre a União Soviética, apresentando números que invariavelmente indicam o predomínio comunista sobre atividades congêneres realizadas pelos capitalistas. A paixão pelas estatísticas, certamente influenciada pelos panfletos preparados pela *Intourist* e por outros órgãos comunistas, dominam muitas páginas dos relatórios de viagem, apresentando dados magestáticos como os seguintes: uma única fazenda que cul-

tivava trigo numa área de duzentos mil hectares, um laboratório que em cinco anos fez estudos anatomopatológicos mediante a dissecação dos cadáveres de três mil cães, uma universidade que congregava sessenta mil especialistas, uma biblioteca que reunia 1,8 milhão de obras, um prédio que contava com vinte mil salas e cinquenta elevadores, uma usina que produzia dez milhões de toneladas de lingotes de ferro por ano, uma orquestra composta por mais de dois mil músicos.²⁶

A multiplicação dos números impôs que os visitantes percebessem um cotidiano marcado pelo “movimento frenético”, pelo “ritmo alucinante”, pela “agitação desenfreada”. No ambiente de uma sociedade propulsora de um “progresso” sempre ressaltado, os brasileiros não podiam esquecer-se do lema positivista inscrito em nossa bandeira, preocupando-se em averiguar se também tal montante de atividades “progressistas” não feria a “ordem”. Feitas as observações devidas nas fábricas, nas oficinas, nos hospitais e nas áreas de lazer, locais marcados pelo perene “entusiasmo coletivo” e pela “produção ininterrupta”, a resposta novamente era única: nestes espaços prevalecia o “ritmo isócrono” e a “ordem absoluta”, sendo metáfora perfeita para isto o recinto laboratorial:

“Tudo funciona maravilhosamente sem o menor vestígio de desordem ou sequer hesitação na sequência das várias fases do serviço”.²⁷

O PRIMADO DA MEDICINA

Enquanto momento de clímax das narrativas, as várias facetas da medicina soviética só foram apresentadas ao leitor após longas explicações acerca da sociedade produzida pelo processo revolucionário. Inseridas em um contexto amplo, dois pontos balizam as observações sobre este tema. Primeiramente, fala-se de uma “medicina socialista”, isto é, de uma nova forma de organização e de prática médica que, como tudo que foi observado, teve seu momento de nascimento vinculado ao início da “Revolução Vermelha”. Na sequência, todas as pontificações tendem a localizar tal medicina como parte constitutiva da “organização social” soviética, definindo-a concomitantemente como produtora e produto da “nova realidade” e não como uma instância relativamente autônoma do projeto socialista.²⁸

A partir destas constatações, todos os viajantes parecem aceitar a premissa de que a “medicina socialista” constituía-se na pedra angular da sociedade revolucionária sendo que, para cumprir sua missão, a comunidade hipocrática teve seus poderes maciçamente ampliados em re-

lação ao período anterior.²⁹ Diferentemente do que ocorria no Brasil, ressaltam os visitantes, o médico comunista foi qualificado como um técnico que detinha poderes absolutos na tomada das decisões, não tendo como concorrentes nem os sacerdotes, nem os políticos, os educadores, os militares, enfim uma série de personagens que, não adestrados nos segredos do corpo e da mente, historicamente interferiam e limitavam a atuação dos esculápios.³⁰

Neste contexto, cabia aos médicos estabelecer as linhas diretivas de praticamente todas as esferas da vida: educar as crianças e os adultos, definir os limites das práticas religiosas, indicar a atividade produtiva e o local onde cada um deveria atuar, corrigir os comportamentos “irregulares” tais como os representados pelas prostitutas, ladrões, alcoólatras, viciados em drogas, desertores das fábricas e do exército, arbitrar os conflitos conjugais, os pedidos de aborto, estabelecer as horas necessárias de sono, a dieta e o lazer para os trabalhadores dos diferentes ramos, o local das moradias, as modalidades de apresentação teatral, os limites da “licenciosidade” possível de ocorrer nos hotéis que acolhiam os estrangeiros e os locais onde deveriam ser erigidas as novas cidades. Se bem que a participação médica em tais decisões tendia a ser uma regra universal, na União Soviética este fenômeno ganhou intensidade desconcertante, resultando em uma confessada euforia por parte dos viajantes analisados.³¹

Munidos de amplos poderes, os médicos chamavam para si a responsabilidade de construir e fiscalizar o “Homem comunista”. Para tanto, todos os especialistas tornavam-se obrigatoriamente funcionários do Estado, desde o momento de ingresso no curso que os capacitava para a profissão sendo que, após a graduação, os clínicos deveriam dedicar oito horas de suas atividades semanais para inspecionar recintos públicos e privados, com o intuito de localizar os afetados por desregramentos morais e higiênicos e corrigi-los. Caso as tentativas regeneradoras fracassassem, os “desviantes” eram remetidos para regiões distantes e inóspitas, tais como a Sibéria. Nestas localidades, os pacientes incorrigíveis, tais como as prostitutas reincidentes, iriam “encontrar um outro meio de reeducação”, palavras tão vagas quanto temíveis, reproduzidas entusiasticamente por um dos nossos conterrâneos.³²

A disposição soviética de privilegiar as atividades preventivas em vez das curativas foi o que mais encantou os viajantes que não pouparam palavras para denunciar o descaso das autoridades brasileiras com a proteção da saúde individual e coletiva.³³ Segundo as informações prestadas pelos brasileiros, todo cidadão era obrigado a se deixar examinar por um médico que, atuando nos milhares de centros de saúde instala-

dos em fábricas, creches, escolas e clubes, atendia a cada um em intervalos nunca superiores a seis meses. Nestes exames, os clínicos tinham condições de reconhecer os indivíduos que se encontravam em estado pré-patológico e que, portanto, careciam de intervenção imediata. Os pacientes portadores de disfunções menos alarmantes eram convocados a transferirem-se temporariamente para um “sanatório-noite”, sem contudo abandonar suas posições no ambiente de trabalho. Cumprido o tempo diário na linha de produção, os convocados deveriam pernoitar nestes abrigos sanitários, onde eram medicados e reeducados em concordância com as regras higiênicas. Os candidatos a enfermos em estágio mais deteriorado de saúde eram afastados de seus empregos e remetidos para os sanatórios instalados na Criméia, em acomodações que antes de 1917 eram utilizadas como residências de verão da elite czarista. As dimensões suntuosas e o luxo disponível nestas moradas chamou a atenção dos brasileiros que se surpreenderam pelo fato de tais palácios serem ocupados por trabalhadores braçais com a saúde comprometida.³⁴

Mais do que tudo isto, o que admirou os visitantes foi o fato de todos estes serviços realizarem-se prontamente, de forma gratuita e igualitária para todos os soviéticos. A condição de nada se pagar pela assistência médica que, além de tudo, freqüentemente era executada por especialistas de reputação internacional, foi objeto de seguidas referências num mesmo relatório, como se fosse difícil para os brasileiros acreditar no que havia sido constatado. A inexistência de filas nos ambulatórios vistoriados e a facilidade com que o possível enfermo recebia o atendimento clínico tornou-se fundamental nas avaliações dos médicos que, tomando como parâmetro a experiência brasileira, não se cansavam de aclamar a funcionalidade e democracia da estrutura médico-sanitária soviética.

O nível de perfeição e eficiência da atuação hipocrática na URSS estava articulado, segundo os examinadores brasileiros, à condição de os médicos soviéticos constituírem-se em uma elite que, mesmo no contexto de uma sociedade igualitária, detinha não só o poder normatizador do tecido coletivo, como também uma gama de benefícios que não estava disponível para o restante dos cidadãos.

Na década de 50, anualmente ingressavam nas escolas médicas cerca de 25 mil estudantes, sendo 80% deste contingente formado por mulheres. Desde o início do curso, o aluno recebia um salário ligeiramente superior ao que fazia jus um trabalhador industrial. Se o currículo destas escolas não era muito diferente de estabelecimentos similares da Europa Ocidental e inclusive do Brasil, as aulas distinguiam-se pela

possibilidade de os alunos aprenderem através do questionamento dos professores, fugindo aos padrões das preleções magistrais. Por isto, afirmavam os visitantes, os alunos desenvolviam um senso crítico abalizado, o que lhes permitia realizar pesquisas e escrever ensaios desde o primeiro ano da academia, sendo os melhores estudos premiados pelo próprio chefe do Partido Comunista que, além de medalhas de mérito, também comprometia-se com a publicação dos resultados das pesquisas.

Formado, o jovem médico tinha seu posto de atuação designado pelo Estado, que buscava sempre que possível conciliar as necessidades sociais com os interesses dos graduados. Mesmo que ocupando uma posição distante dos centros de ensino e pesquisa, todos os facultativos eram obrigados periodicamente a acompanharem cursos de reciclagem, dando-se ênfase às novidades nas áreas de saúde pública e puericultura, além de lições de marxismo-leninismo que eram ministradas desde o primeiro ano de formação, consistindo em uma das matérias fundamentais à obtenção de licença para clinicar. Em compensação, o médico era obrigado a trabalhar apenas seis horas por dia, caindo este compromisso para até quatro horas no caso de atuar nos serviços de radiologia e anatomia, além de ter direito a um aumento de 20% do salário a cada dois anos de atividade, sendo ainda abonado, juntamente com seus dependentes, de todos os gastos referentes à alimentação, aluguel, telefone e energia elétrica.³⁵ Os salários também garantiam o *status* diferenciado conferido pela profissão: um trabalhador industrial ganhava em média de 200 a 250 rublos mensais, enquanto que o clínico recém-formado recebia 600 rublos, estipêndio que podia chegar até a 6 ou 7.000 rublos quando alcançasse posição de destaque. Com uma ponta de regozijo, tal constatação fez o doutor Ribeiro da Silva denominar o grupo mais privilegiado de “tubarões da medicina soviética”.³⁶

Os benefícios destinados aos médicos, principalmente aos mais especializados, não paravam por aí, para aumentar ainda mais o delcete dos forasteiros. Todos os livros produzidos, depois de corrigidos pela Academia de Ciências de Moscou, eram publicados, sendo o autor remunerado regamente por cada edição da obra, havendo também prêmios em dinheiro para cada nova descoberta alcançada. O primado das ciências médicas também era observado detalhadamente através das condições de trabalho disponíveis. Ruas eram interditadas para que os cientistas trabalhassem em paz e sem qualquer interferência de ruídos exteriores. Neste contexto, recorre-se novamente ao doutor Medeiros, que se declarou emocionado ao conhecer de perto o que ele denominou de “vida íntima” dos professores que atuavam em um dos institutos visitados:

*tive a impressão de que o regimen consegue isolal-os da agitação da vida quotidiana, tal como ella se nos apresenta nas sociedades brilhantes e cheias de seducções materiaes. Vivem da sciencia e para a sciencia, num ambiente de grande prestigio por parte dos dirigentes.*³⁷

Além disto, em todos os serviços havia medicamentos, materiais e equipamentos em abundância, permitindo o atendimento imediato de pacientes acometidos de qualquer tipo de desarranjo. Nossos viajantes deliciaram-se em percorrer, acompanhados de um guia-tradutor, uma pequena parte das centenas de institutos e centros de laboratórios localizados em Moscou e Leningrado. Dentre estes, todos visitaram os Institutos de Fisiologia, de Higiene Social e o do Cérebro, assim como a Maternidade e a Faculdade de Medicina. No final de cada uma das inspeções, os brasileiros unanimemente mostraram-se perplexos, principalmente quando comparavam as condições de estudo e pesquisa disponíveis no país visitado e as do Brasil.³⁸

Neste ambiente marcado pela perfeição e harmonia das ações, o resultado comprovador da eficiência médica encontrava-se na melhoria das condições de saúde da população. Os dois primeiros visitantes entusiasmaram-se pelo “progresso da medicina socializada”, apesar dos índices de morbimortalidade apresentarem-se altos, mas de qualquer forma bem inferiores aos vigentes no período czarista, existindo no instante de suas viagens cerca de cinco milhões de impaludados, 1,5 milhão de tuberculosos, um milhão de atingidos pelo tracoma, além de centenas de milhares de vítimas de outras moléstias a serem atendidas por apenas 53 mil médicos.³⁹

Transcorrido um quarto de século, o número de facultativos atuante na URSS chegava a trezentos mil que contavam com mais de um milhão de leitos e sofisticados equipamentos para assistir a população. O fator tempo, anunciado como o principal dispositivo do aperfeiçoamento dos homens e das estruturas socialistas, praticamente anulou a existência de quaisquer patologias no mundo comunista, pelo menos nas lentes dos visitantes de 1953. Tão afeitos aos dados estatísticos, os doutores Lobato e Ribeiro da Silva simplesmente se calaram sobre a existência de doentes na União Soviética, enquanto que o doutor Reinaldo Machado reiterou a impressão de que não mais existiam enfermos graves no território comunista, com afirmações como estas, extraídas das informações coletadas em um dos vários hospitais infantis visitados:

No ano de 1952 não houve caso de morte por dispepsia [...] ainda

existe escarlatina, se bem que não haja mais casos fatais desta doença, sendo raras as seqüelas [...] as oto-antrites são pouco freqüentes [...] nos casos de miopatias [há] poucas crianças acometidas [...] a encefalite a vírus é muito rara [...] a leucemia é muito rara [...] não há formas raras de raquitismo.⁴⁰

Positivamente, se o mundo comunista era o território da perfeição, a perfectibilidade maior encontrava-se na “maravilhosa obra” encarnada pela atuação dos médicos e pela organização sanitária por eles engendrada. O paraíso dos médicos e dos pacientes existia e sua capital era Moscou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final de nossa viagem, resta ainda uma questão a ser respondida: qual o sentido dos cinco relatórios que, pelas informações prestadas e pelos dados omitidos, beiram a idealização? A resposta talvez seja encontrada na suposição de que tais registros visavam menos informar sobre a “realidade coletivista” e mais estabelecer um parâmetro de como os peregrinos desejavam ver organizados os serviços médico-sanitários brasileiros. Filhos de uma nação cujos governantes historicamente têm-se mostrado poucos sensíveis aos direitos de cidadania e que, apesar das pontificações acadêmicas em contrário, tendem a cercear a atuação dos profissionais de saúde e a assistência à população, os escritores analisados buscaram indícios de uma sociedade perfeita, que para eles correspondia a existência de uma nação moderna, democrática e desprovida de contradições, onde o médico tinha poderes praticamente ilimitados e os pacientes dispunham de atendimento rápido e eficiente.

O tempo de permanência dos visitantes na União Soviética variou de três meses (doutor César) a apenas dez dias (comitiva de 1953), impondo que todos eles conhecessem apenas uma ínfima parcela do mundo socialista. Apesar disto, todos eles dissertaram sobre uma sociedade e uma estrutura sanitária que pretensamente abrangia toda o território sob domínio de Moscou. Se muito do que foi registrado em seus livros foi produto da intensa propaganda russa, os brasileiros se tornaram presas fáceis das mensagens oficiais porque espelhavam uma consciência desejosa de encontrar um Estado que não apresentasse os mesmos e tacanhos entraves que limitavam e ainda limitam a prática médica no contexto nacional. Caso seja negada esta hipótese, incorrer-se-ia na aceitação da idéia de que os cinco viajantes eram demasiadamente ingênuos ou mesmo que não passavam de sicários a mando e talvez a soldo dos

comunistas, e que, intencionalmente, se empenharam em assinar textos tão mentirosos quanto favoráveis ao governo soviético.

Apesar de comprometidos com a “verdade”, a possível surpresa de conviver, momentaneamente, com uma sociedade que se dizia igualitária e patrocinadora de uma organização sanitária, inegavelmente bem mais aperfeiçoada que a existente no Brasil, coagiu os viajantes a abrirem mão de qualquer juízo que fosse contrário ao país visitado, deixando-se facilmente seduzir no decorrer de suas peregrinações. Uma sedução que não se esgotou com o torna-viagem, mantendo-se pelo menos para alguns como fonte de novo ânimo à vida e à prática profissional. Pouco se sabe sobre o destino dos viajantes que deram sentido a este texto, mas pelo menos três deles empenharam-se em atuar como propulsores de transformações inspiradas no modelo soviético. Maurício de Medeiros envolveu-se na Intentona Comunista de 35, sendo afastado da cátedra universitária que somente lhe foi restituída em 1946, fato que não o impediu de ocupar a direção do Ministério da Saúde durante o governo de Juscelino Kubitschek. Osório César, ao regressar da União Soviética, desligou-se de Tarsila, segundo alguns por considerá-la “demasiadamente burguesa”, participou da guerra civil de 1932, o que lhe custou alguns meses de prisão. Ao recuperar a liberdade, tudo indica que deixou de atuar como psiquiatra do Manicômio do Juqueri, aprendeu a língua russa e tornou-se um dos principais responsáveis pela tradução de obras de médicos e literatos russos e de simpatizantes do regime comunista. Milton Lobato, por sua vez, converteu-se em um dos principais propugnadores nacionais da socialização da medicina, escrevendo inclusive um livro sobre o assunto.

No final de todas as ponderações, resta salientar o papel desses cinco médicos pioneiros em verificar o que acontecia na União Soviética. Sobre esses brasileiros, que vislumbraram uma modernidade perfeita, deixo como crivo de avaliação uma sentença de autoria de Albert Camus: “nós somos os primeiros homens – não os da decadência, como apregoam os jornais, mas os de uma aurora indecisa e diferente”.

NOTAS

1. Este texto é resultado da palestra proferida no Programa de Pós-Graduação do Laboratório de Fisiologia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e está ligado à pesquisa que o autor está desenvolvendo sobre a literatura produzida por médicos brasileiros que visitaram o Japão e as regiões que constituíram a ex-União Soviética.

2. Pinheiro, Paulo Sérgio - *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.130.
3. Uma parcela substancial dos escritos publicados pelos viajantes brasileiros que visitaram a União Soviética encontra-se listada em: Carone, Edgard - *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
4. Devido ao pouco conhecimento entre nós da história soviética relativa ao período focado neste texto, recomenda-se a leitura de uma obra introdutória: Elleinstein, Jean - *História da URSS*. Lisboa: Europa-América, 1976, 4v.
5. Medeiros, Mauricio de - *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regimen soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931. Ressalta-se que esta obra contou com cinco edições no prazo de um ano, correspondendo a vinte mil volumes, fato raro no mundo editorial de então. Lembra-se ainda que o lapso de tempo entre a viagem e a publicação do texto tem feito alguns dos biógrafos do doutor Medeiros situarem erroneamente sua presença na URSS como tendo ocorrido em 1930. Veja-se, por exemplo: Calicchio, Vera e Benjamim, César - Mauricio de Medeiros. In: Beloch, Israel e Abreu, Alzira Alves de - *Dicionário histórico-bibliográfico brasileiro: 1930-1983*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária/FGV/FINEP, 1984, v.3, p.2155-2156.
6. *Diário da Noite*, 26 de março de 1931, p.8.
7. Cesar, Osorio - *Onde o proletariado dirige...* Prefácio de Henri Barbusse, São Paulo, s.c.p., 1932.
8. Dominique, Pierre - *Com os olhos abertos: reportagem sobre a Rússia em 1930*. São Paulo: Pax, s.d.; Zeno, doutor Lelio O. - *A medicina na Rússia*. São Paulo: Ed. Nacional, 1935 e Conus, doutora Ester, Zeno, doutor Lelio O. e Sigerist, doutor Henry A. (sic) - *A proteção à maternidade e à infância na União Soviética e a medicina na Rússia*. Tradução de Osorio Cesar, Rio de Janeiro: Calvino, 1944. Para o público médico, encontrava-se à disposição ainda outro livro de Sigerist, não traduzido para o português mas amplamente mencionado nas revistas médicas brasileiras do período: - *Socialized Medicine in the Soviet Union*. New York: W.W. Norton, 1937.
9. O teor dos debates realizados neste evento encontram-se registrados em: - *Congresso Mundial de Médicos para el Estudio de las Condiciones Actuales de Vida: Relatos y Comunicaciones*. Viena, Comision Argentina de Patrocinio, 1953.
10. Lobato, doutor Milton e Machado, doutor Reinaldo - *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem e aspectos da medicina*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955. Neste livro, o primeiro texto é de autoria de Lobato e intitula-se *Médicos brasileiros na União Soviética*, enquanto que o segundo, assinado por Machado, recebeu o título de *Notas de viagem*.
11. Silva, Raul Ribeiro da - *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.
12. Silva, p.10.
13. As idéias geralmente contrárias à validade da experiência soviética foram

- amplamente disseminadas desde 1917, sendo reproduzidas no Brasil. Veja-se sobre o assunto: Ferro, Marc - *L'Occident devant la Revolution Sovietique: L'Histoire et ses mythes*. Paris: Complexe, 1980; Murray, Robert K. - *Red Scare: a Study in National Hysteria, 1919-1920*. New York: McGraw-Hill, 1964 e Bandeira, Moniz - *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*, 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 1980.
14. Medeiros, p.8. Afirmações semelhantes encontram-se em: Cesar, p.9, Lobato, p.7 e Silva, p.10.
 15. Medeiros, p.7.
 16. Lobato, p.7.
 17. Alerta-se que o roteiro obedecido pelos brasileiros também se apresenta em outros viajantes médicos, dentre eles Henry Sigerist, que visitou a União Soviética pela primeira vez em 1935 e deixou registros em seu diário privado. Veja-se deste autor: - *Autobiographical Writings*. Montreal: McGill University Press, 1966, especialmente p.105-113. Visões diferenciadas encontram-se nos escritos de indivíduos que optaram por permanecer na União Soviética como imigrantes, tendo-se como exemplo o livro assinado pelo filho do jornalista Luis Edmundo: Edmundo, Claudio - *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.
 18. Medeiros, p.25 e Cesar, p.105.
 19. Medeiros, p.149.
 20. Machado, p.83.
 21. Assinala-se que apenas Osório Cesar preocupou-se em aprender a língua russa e isto depois de retornar da União Soviética.
 22. Medeiros, p.179; Cesar, p.143; Lobato, p.77, e Silva, p.54.
 23. Lobato, p.42, e Silva, p.88-92.
 24. Cesar, p.165, e Silva, p.163.
 25. Cesar, p.95 e 132; Medeiros, p.128, Lobato, p.277.
 26. Cesar, p.132, Lobato, p.16, Machado, p.96, e Silva, p.92.
 27. Medeiros, p.68.
 28. Cesar, p.105.
 29. O empenho dos visitantes brasileiros em comparar a medicina revolucionária com o período anterior a 17 e com instituições congêneres capitalistas praticamente anulou a dimensão das várias fases pelas quais havia passado a "medicina socialista", fato que era admitido pelos próprios estudiosos soviéticos. Sobre o assunto veja-se: Lissítsine, Iu. e Batíguine, K. - *A proteção da saúde e a previdência social na URSS*. Moscovo: Progresso, 1980, especialmente p.24-61.
 30. Medeiros, p.69.
 31. Medeiros, p.199, Cesar, p.67, Lobato, p.53, e Machado, p.103.
 32. Cesar, p.168.
 33. Medeiros, p.243; Cesar, p.142; Lobato, p.110.
 34. Medeiros, p.112; Cesar, p.143; Lobato, p.23, e Machado, p.117.
 35. Cesar, p.109-111.

36. Silva, p.68.
37. Medeiros, p.221.
38. Medeiros, p.66, Cesar, p.114, Lobato, p.21, e Machado, p.89.
39. Medeiros, p.223, e Cesar, p.125-127.
40. Machado, p.85-88.